

*Economia
Brasil*

O problema é nosso

31 DEZ 1997

Mario Garnero

CORREIO BRASILEIRO

SENADO FEDERAL
 Secretaria de Informação e Documentação
 Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho

Há quem tenha o hábito de buscar nos outros a culpa de seus problemas. É um comportamento que envolve também, às vezes, a própria coletividade, o próprio país. As dificuldades brasileiras atuais — a partir das crises nos mercados financeiros asiáticos, em outubro — são nossas, dependem de todos. A ameaça mais intensa ao Real já parece praticamente dissipada, mas o Brasil não pode se iludir. Antes, com o sucesso do programa de estabilização econômica, da privatização, da abertura do mercado e de outros avanços, deixamos de tomar medidas de longo prazo, a exemplo da equação do déficit público e das reformas necessárias a uma sociedade que tem papel de liderança a exercer no mundo globalizado.

Permanece urgente, então, o clamor conhecido pela reforma fiscal. Não se pode mais conviver com uma carga tributária bruta, absolutamente irracional em sua configuração, que saltou de 26% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1993 para 31% neste ano, segundo dados do Conselho Regional de Economia de São Paulo. Assim, a mudança nas relações trabalhistas merece reflexão profunda de todos, especialmente empresários e trabalhadores, peças

essenciais na cadeia de trabalho, salário, produção e consumo.

O governo, percebe-se, bate forte na tecla de cortes de despesas, para o equilíbrio de suas contas; acena com redução de juros, elevados ao absurdo por conta dos riscos de ataques especulativos; trata cuidadosamente da política cambial, mas sofre muita resistência em razão da repercussão das medidas e das vésperas de um ano eleitoral. Precisa, enfim, trabalhar em muitas frentes. É possível afirmar, nesse quadro, que há interessados no aprofundamento da crise brasileira, gente incapaz de produzir adequadamente, querendo ganhar dinheiro à custa da volta da inflação e do ganho com operações financeiras. Há sinais concretos dessa velada tendência, enquanto vêm de fora exemplos de confiança no futuro brasileiro.

O Eximbank do Japão, agência de crédito, acaba de colocar o Brasil entre os dez países mais atraentes do mundo para novos investimentos de capital privado. Levantamento realizado pela Simonsen & Associados mostra que 65 empresas, entre elas a Bayer, Motorola, Gradiante e Ericsson, manterão seus programas de investimentos de US\$ 19 bilhões; 85 têm novos projetos, totali-

zando US\$ 20 bilhões, anunciados depois das duras medidas adotadas diante da crise financeira. O cancelamento de projetos, sete, e o adiamento, revisão ou redução, em dez casos, somam pouco mais de R\$ 3 bilhões. O saldo de confiança é de US\$ 17 bilhões.

O desemprego é preocupante, mas mesmo assim sabe-se de empresas que o utilizam para resolver problemas internos, acumulados durante anos de administração questionável pela perda de competitividade. Neste mês, em meio às evidentes dificuldades econômicas, supermercados de São Paulo aumentaram preços de alimentos em mais de 10% numa única semana, fato denunciado por veículos de comunicação, interessados em alertar o consumidor. Tal prática é inconcebível, quando o Brasil fechará o ano com uma inflação média na faixa de 4%.

Jogar na volta da inflação é um completo delírio. É totalmente mentiroso quem acena com o terrorismo da recessão. O Brasil, que precisa privilegiar as atividades de pequenas e médias empresas, continuará crescendo no novo ano. A velocidade será menor, provavelmente 2,5%, mas poderá servir ao rearranjo de nossa economia. A necessidade de

equilibrarmos nossa balança comercial, ampliando as exportações, não pode ser pretexto de retrocesso, fundamentado em restrições às importações e mudança brusca no câmbio, caso de verdadeiro massacre a quem acreditou no Real e, cidadão comum, até liquidificador comprou com eventual reajuste de preços pela taxa de variação cambial, a miúdas letras v.c. divulgadas em propagandas.

Países que têm investimentos no Brasil estão interessados numa condução acertada de nossa economia, independentemente do ano eleitoral. O verdadeiro desemprego pode ser enfrentado, com a ação criativa de empresários, trabalhadores, sindicalistas e autoridades, revendo práticas trabalhistas ultrapassadas, prejudiciais ao conjunto da sociedade. Pode ser enfrentado, também, com o exercício do moderno capitalismo, da democracia e das preocupações sociais impostas pela economia globalizada, que privilegia a livre concorrência, os livres mercados, a competitividade e a competência, objetivos que devem ser perseguidos por todos permanentemente.

■ Mario Garnero é presidente do Conselho de Administração do Grupo Brasilinvest e do Fórum das Américas